

MANUEL NUNES DA PONTE, Prémio Ferreira da Silva

“ Só podemos ser exigentes com os alunos que queremos se começarmos a ser exigentes com os professores que temos”

Uma entrevista em que se falou um pouco de tudo, desde as teses de doutoramento empilhadas na casa-de-banho da Direcção Geral do Ensino Superior, até aos êxitos do F.C. Porto. Quase propositadamente, fugiu-se do tema que esteve na origem desta conversa: o conjunto dos trabalhos científicos na área dos “Fluídos Supercríticos”, pelo qual M. Nunes da Ponte, Professor do Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da U.N.L., foi galardoado com o Prémio Ferreira da Silva. Tal será abordado no próximo número, com a publicação da sua Lição proferida por ocasião da entrega do prémio no XV Encontro Nacional da Sociedade Portuguesa de Química.



Química - Quando somos pequenos, sonhamos ser bombeiros, futebolistas, médicos.... De onde vem esse gosto pela Química?

Manuel Nunes da Ponte - Não faço a mais pequena ideia! Penso que na altura estaria na moda ser Engenheiro Químico. Não tinha, no entanto, nenhuma tendência especial para a Química. Para as Ciências em geral sim, para a Química em particular, não especialmente.

Q - Será por isso que escolheu a Termodinâmica ou a Química-Física, uma das partes menos “químicas” da Química?

MNP - Sim. Nunca gostei muito da Química tradicional. Nunca fui “cozinheiro” e sempre detestei Química Orgânica.

Q - O 1º prémio Ferreira da Silva foi atribuído ao Prof. Jorge Calado e como ele foi seu supervisor, considera que há uma escola de Química/Termodinâmica e que isso, de certo modo, justifica este seu prémio, 15 anos depois?

MNP - É claro que existe uma escola de Termodinâmica e é óbvio que o que aconteceu é que a Quími-

ca começou de uma forma regular a ter doutoramentos, em Portugal, com o Prof. Jorge Calado. Lembro-me perfeitamente de ir à talvez então Direcção Geral do Ensino Superior e ver na casa-de-banho - que também servia de armazém - as teses do Virgílio Meira Soares, a minha e a do Carlos Castro, aí por volta de 1978. Nessa altura, eram as únicas que lá estavam empilhadas, depois de distribuídas pelas várias bibliotecas do país. Havia alguns doutoramentos dispersos que eram feitos mais como “fim-de-carreira” depois dos 40 anos. De facto, foi o Jorge Calado que começou tudo e talvez por isso se justifique que este ano se tenha voltado “às origens” com este meu prémio.

Q - Nessa linha de ideias, como é que se comparam as condições de então e agora?

MNP - Não se comparam. Qualquer coisa a dividir por zero é infinito! E era zero o que existia! Neste momento não há nada para comparar. Inclusivamente, hoje o problema será exactamente o contrário do anterior: o de motivar pessoas para fazerem investigação mesmo com bons meios. É justo dizer-se que hoje, apesar das dificuldades e problemas

burocráticos e apesar das universidades no seu todo estarem ainda muito longe do nível daqueles sectores ou áreas com um ritmo mais dinâmico, as condições gerais de investigação são bastante razoáveis.

“Lembro-me perfeitamente de ir à talvez então Direcção Geral do Ensino Superior e ver na casa-de-banho - que também servia de armazém - as teses do Virgílio Meira Soares, a minha e a do Carlos Castro, aí por volta de 1978. Nessa altura, eram as únicas que lá estavam empilhadas, (...)”

Este problema de diferenças é, no entanto, um problema grave. Na mesma universidade existem faculdades com ritmos de investigação bastante diferentes e até numa mesma faculdade as diversas áreas são muito diferenciadas. Portanto, quando se compara o passado com o presente da investigação essa comparação depende sempre das áreas ou faculdades consideradas. Haverá áreas que estarão quase na mesma.

Para as áreas cuja investigação se desenvolveu, creio que o nosso país ainda é um sítio bastante razoável para fazer investigação. Em muitos outros países, a investigação já está em recessão enquanto que por cá ainda vivemos um ciclo de expansão. É claro que a competição também aumentou imenso (o que não é grave, muito pelo contrário), mas de um modo geral as pessoas ainda conseguem ter boas condições para fazer investigação. Lá fora, as condições óptimas de que tanto gostamos só existem num reduzido número de Instituições de “top”, onde por outro lado a competição é perfeitamente feroz.

Neste momento e por exemplo, no nosso Departamento de Química, com o seu edifício novo, as condições

Manuel Nunes da Ponte: breve nota curricular

Manuel Luís de Magalhães Nunes da Ponte

Professor Catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

Nascido a 24 de Dezembro de 1949, casado, pai de três filhos.

Licenciado em 1971, em Engenharia Química, pelo Instituto Superior Técnico, com 17 valores. Estudante de pós-graduação no Inorganic Chemistry Laboratory da Universidade de Oxford, Inglaterra, de Janeiro de 1975 a Agosto de 1976.

Doutorado em 1976, em Ciências de Engenharia (Termodinâmica Química), também pelo Instituto Superior Técnico, com distinção e louvor.

Professor Associado Visitante da School of Chemical Engineering da Universidade de Cornell, E.U.A., no ano lectivo de 1983/84.

Agregado em Química Física, em 1986, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Professor Catedrático de Química Física da Faculdade de Ciências e

Tecnologia a partir de Maio de 1988.

Membro eleito do Sub-Comité de Dados Termodinâmicos da Comissão de Propriedades Termodinâmicas da União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC), entre 1987 e 1992. Representante português no programa Cost-Química da Comunidade Europeia entre 1989 e 1994.

Co-autor do trabalho vencedor do Prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia 1993 e dum trabalho que recebeu uma menção honrosa do Prémio Boa Esperança 1992.

Director do Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica desde Junho de 1993.

Presidente do Departamento de Química da FCT/UNL desde Julho de 1994.

Prémio Ferreira da Silva da Sociedade Portuguesa de Química em 1996.

Teses de doutoramento preparadas sob a sua orientação

- Susana F. Barreiros, Propriedades Termodinâmicas do Monóxido de Carbono, FCT/UNL, 1987

- Henrique J.R. Guedes, Propriedades

Termodinâmicas de Sistemas Líquidos Simples, FCT/UNL, 1988

- Luís P.N. Rebelo, Propriedades Termodinâmicas de Misturas Isotópicas, FCT/UNL, 1989 (com o Prof. J.C.G. Calado, IST)

- Pedro M.C. Simões, Extração Supercrítica de Óleos Naturais, Estudos de Transporte de Massa, FCT/UNL, 1993.

- Ana Aguiar Ricardo, Segundos Coeficientes do Virial Cruzados de Misturas de Gases Simples, FCT/UNL, 1993

- M. Margarida Gonçalves, Equilíbrio de Fases em Sistemas que incluem Dióxido de Carbono Supercrítico, FCT/UNL, 1994

- Ana S. Reis Machado, Deslenhificação de Madeira de Eucalipto com Misturas a Alta Pressão de 1,4-Dioxano e Dióxido de Carbono, UNL, 1995

- Paulo J.P. Carmelo, Transferência de Massa em Processos de Extração Supercrítica: Resultados Experimentais e Modelação, UNL, 1995.

- Paulo J.A. Pereira, Equilíbrios de Fases com Fluidos Supercríticos: Resultados Experimentais e Modelação, UNL, 1995.

das pessoas são perfeitamente aceitáveis. É claro que se pode estar um ou dois anos sem projectos e portanto sem meios, mas penso que se consegue sempre voltar ao de cima.

Há 20 anos atrás havia zero e voltava-se ao de cima com zero. No Técnico, na zona da Química-Física havia duas salas completamente vazias para fazer investigação. Havia "zero vírgula zero". O que aconteceu foi que o Jorge Calado que era então uma pessoa famosa no meio, já tinha modificado o ensino da Química-Física, pôde dispor e escolher um conjunto de pessoas que estavam realmente interessadas em iniciar algo que não existia de todo no nosso país. Talvez por isso se compreenda que em Portugal a Química-Física Macroscópica seja importante. Mas apesar de tudo a termodinâmica já não está tão "povoada" actualmente.

Em termos de condições, hoje temos um problema de "estado estacionário". As condições são muito melhores mas temos todos os problemas de gestão de grupos de investigação; temos um problema de emprego também completamente diferente do de então.

Q - Apesar de termos um sistema em expansão quando os outros países estão em retracção, digamos que eles se "retraíram" a partir de um ponto muito mais à frente do que aquele a que provavelmente a nossa expansão alguma vez chegará. Assim, e apesar das injeções de dinheiro da última década, sempre tivemos e temos dificuldades com a aquisição de grande equipamento, o que no estrangeiro é um dado adquirido...

MNP - É verdade, mas a comparação pode não ser totalmente justa, já

que quando comparamos, sem querer, fazêmo-lo com instituições "top". Haverá um grande conjunto de instituições estrangeiras que, estando ao nível das nossas, certamente terão a mesma dificuldade na aquisição de grandes peças de equipamento. Quando comparamos, estamos a fazê-lo com as 100 melhores instituições dos Estados Unidos; as 30 melhores de Inglaterra ou as 20 melhores de França e da Alemanha, e é claro que, em relação a estas, estamos mal. Acresce que em Portugal há sempre uma certa tendência para cortar o que é elite. Inclusivamente o Conselho de Reitores tem uma certa tendência para o igualitarismo, contribuindo para não haver distinções entre as universidades.

Q - Paralelamente verifica-se uma massificação do ensino universitário. O que pensa disso?

“A substância não se consegue nunca discutir, quando estamos todos centrados no epidérmico, como por exemplo a nota mínima de entrada (...). Esse tipo de discussão no CRUP não tem qualquer importância.”

MNP - A massificação aconteceu em todos os países e é preciso não esquecer que até há pouco tempo tínhamos os índices de frequência mais baixos do grupo de países em que nos inserimos. É claro que também éramos/somos os menos desenvolvidos. Assim, acho que todo o barulho que se fez e faz nos meios de comunicação relacionado com a massificação do ensino universitário e que os professores universitários também gostam de manter, porque serve de boa desculpa para se terem resultados menos bons, representa tão somente uma mudança de objectivos da universidade. Essa mudança de objectivos, quanto a mim, passa a incorporar um ensino massificado na generalidade das universidades e isso muda completamente o estatuto social dos professores universitários. Esse mal-estar propaga-se por toda a instituição, como se propaga aos meios de comunicação que normalmente são hábeis a descobrir e a apontar o que é epidérmico sem muitas das vezes terem qualquer ideia do que é a substância. A substância não se consegue nunca discutir, quando estamos todos centrados no epidérmico, como por exemplo a nota mínima de entrada; se se entra com negativa ou não, o que é completamente irrelevante na situação actual. Esse tipo de discussão no CRUP não tem qualquer importância.

Q - Então se pudesse decidir sobre um método de entrada na faculdade, qual seria o seu?

MNP - Eu acho que só podemos ser exigentes com os alunos que queremos se começarmos a ser exigentes com os professores que temos. Portanto, teremos de saber se termos uma escola de elite significa que só podemos ter uns professores e pôr na rua os outros. Se não queremos ter escolas de elite e só pretendemos justificar os empregos dos professores que existem, então um rácio de 11, que é o que pede o Ministério, parece-me perfeitamente razoável. Se queremos justificar todos os nossos empregos - por exemplo, nesta faculdade temos de ter 4,000 alunos - e se temos 4,000 alunos em Ciências e Tecnologia mais os que existem no Técnico, que fez a asneira monumental de não ter criado uma escola de elite, mais o ISEL, etc., temos cerca de 20,000 alunos em Ciências e Tecnologia só na área de Lisboa. É completamente impossível ter, em média, bons alunos. É só uma questão de números. Não há 20,000 bons alunos em Ciências e Tecnologia na área de Lisboa. Portanto, não faz sentido. Se queremos ser uma escola de elite só podemos ter 1,500 alunos e então só podemos ter cerca de 120-130 professores, e toca de pôr na rua os outros. Se discutirmos assim, então estou preparado para discutir o método de entrada, senão, não vale a pena e o resto é conversa fiada. Neste momento a nota mínima é o fulcro da questão, quando nos deveríamos estar a debruçar sobre o que é fundamental: qual a capacidade do corpo docente; qual a avaliação que fazemos uns dos outros; como é que somos rigorosos em relação à nossa profissão.

Por essas e outras creio que não existem, em Portugal, escolas de elite. Portugal continua a apresentar uma tendência forte para o corporativismo e ao CRUP, com as suas 14 universidades, sendo numericamente maioritárias as universidades geograficamente periféricas, não interessa a existência de escolas de 1ª e de 2ª. Portanto, a actuação do CRUP em relação, por exemplo, à nota mínima



“Se queremos ser uma escola de elite só podemos ter 1,500 alunos e então só podemos ter cerca de 120-130 professores, e toca de pôr na rua os outros. (...) e o resto é conversa fiada.”

foi o que se viu: primeiro tentou que fosse o ministro a fixá-la e, quando a fixou ele, fê-la igual para todos, o que se compreende.

Talvez não seja saudável que as escolas de elite se formem nos grandes centros. É claro que seria óptimo que houvesse departamentos ou áreas de elite por esse país fora, mas para isso é preciso haver lideranças fortes em alguns departamentos que permitam a contratação de bons professores/investigadores que se projectem, assim como aos departamentos, em termos de investigação, de modo a chamarem bons alunos e poderem ser selectivos nas admissões.

Com tantas universidades, 14 públicas, não sei quantas privadas e 13 politécnicos, a tendência vai ser, quer se queira quer não, para a diversificação. Assim, os sítios que oferecerem melhores condições cativarão os melhores alunos. Digamos que o sistema há-de ser auto-catalítico. Isso terá de acontecer. Com oposição expressa, é certo, mas inevitavelmente acontecerá.

Voltando ao início, a massificação tinha que acontecer. Talvez tenha sido demasiado rápida. Talvez

a passagem pelo 12º ano tenha sido mais facilitada, provocando uma maior pressão de procura à entrada das universidades. Naturalmente que os pais estão dispostos a fazerem sacrifícios para que os seus filhos entrem na universidade. Acontece que talvez hoje não estejam tão satisfeitos com a qualidade do ensino ou com as expectativas de emprego. Portanto, ajudam ao mal-estar.

Agora politicamente a massificação seria previsível. Qualquer governo forçará sempre as universidades a meterem um número muito razoável de estudantes que terminem o secundário.

Q - Mudando de assunto, como é que é possível fazer-se “administração”, “investigação”, ter tempo para a família, jogar ténis...

MNP - Não é! Não é possível! Neste momento não faço investigação nenhuma!! Administração faço... mal. Aliás essa é ainda uma das outras grandes diferenças entre a nossa cultura universitária e outras do tipo anglo-saxónico. Essa diferença também reflecte o nosso estado de desenvolvimento científico. No nosso país a carreira administrativa universitária é considerada e encarada como um promoção pessoal. Ora eu não estou especialmente de acordo e tenho grande dificuldade em explicar este meu ponto de vista junto dos meus colegas. E não é por desconsideração ou outra razão desse tipo. É tão só porque acho que a carreira académica não passa por aí. É-me muito difícil convencer os meus colegas disto. Mesmo numa faculdade como a nossa, o desempenho de lugares administrativos é visto como o supra-sumo da carreira, o que me parece errado, e veja-se como os nossos colegas americanos ou ingleses não têm nem de perto nem de longe o peso que actualmente tenho em tarefas de administração; são portanto capazes de se dedicar aos assuntos científicos com uma profundidade que para nós é completamente impossível.

Por cá temos estado sobrecarregados desde sempre com um rol de tarefas administrativas imbecis para as quais deveriam existir administradores contratados. No fundo, a universidade está a desbaratar recursos, está a gastar salários mal gastos pagando a pessoas que são administradores a fingir e que fazem mal este papel, estando a universidade mal administrada, aliás como toda a Função Pública em geral, quando o que deviam estar era a fazer ciência e a cuidar das aulas. Os cargos de Director deveriam ser ocupados por aqueles de nós que, a partir de um dado momento, escolhessem objectivamente esta via, em detrimento da investigação. Assim sendo, também acho que esses cargos deveriam ser pagos de forma condizente. É completamente idiota pedir a um(a) professor(a) catedrático(a) que, pelo mesmo dinheiro, vá desempenhar funções administrativas pesadíssimas, mais a investigação, mais as aulas, etc.

A carreira universitária não é nada disto. É claro que haverá pessoas no sistema que poderão ter gosto e tendência para esse tipo de tarefas e sendo assim deverão assumir claramente essa tendência. Agora ter a ideia que todos são elegíveis porque são catedráticos é que me parece completamente errado e penso mesmo que representa uma perversão do nosso sistema académico.

Como já disse, não é de todo possível desempenhar todas aquelas tarefas. E só é realizável não dedicando nenhuma atenção em especial a nenhuma das áreas em particular e ir fazendo o que há para fazer. No fundo, a administração é amadora e a investigação passa a sê-lo também. Guarda-se a energia para aquelas coisas que se consideram mais importantes e não se liga “bóia” às outras. Só se vai às reuniões de vez em quando; nomeiam-se substitutos sempre que se pode, etc. Não fazer, ostensivamente, tarefas que se supõe que são para ser feitas e nem sequer pedir desculpa por isso, de forma a habituar os outros que há um certo tipo de situações que não fazemos mesmo.

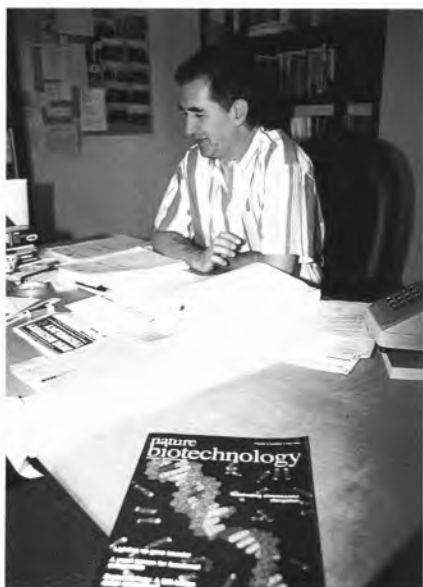
“(...) a carreira administrativa universitária é considerada e encarada como um promoção pessoal. Ora eu não estou especialmente de acordo (...). É-me muito difícil convencer os meus colegas disto. (...) penso mesmo que representa uma perversão do nosso sistema académico.”

Q - E não haverá perspectivas de mudança?

MNP - Penso que só haverá perspectivas de mudança quando a avaliação das universidades e dos centros de investigação for levada a sério. Tenho alguma esperança que, agora, a avaliação dos centros no seu conjunto proporcione verbas cuja atribuição passa a ser feita pela primeira vez de uma forma profissional.

Neste momento, não é feita nenhuma avaliação às faculdades e mesmo aqueles inquéritos que tivemos aqui (FCT-UNL) patrocinados pelo Conselho Pedagógico foram tão boicotados que pararam, aliás como avisei a Presidente do Conselho que iria suceder. O que acontece é que os professores universitários e em especial os catedráticos se sentem, como os juizes, completamente “irresponsáveis”. Não têm que dar satisfações a ninguém; podem fazer o que quiserem e, de facto, fazem. Podem insultar um Director, os alunos; podem ser malucos, ter as idiossincrasias que entenderem e acham que podem continuar assim já que o seu é um dom divino e portanto não têm que ser avaliados.

Por isso é que sou totalmente contra estes aumentos salariais dos professores universitários. É inacreditável que um ministro tenha cedido aos sindicatos - que fazem o seu papel ao reivindicar para o conjunto



“O que acontece é que os professores universitários e em especial os catedráticos se sentem, como os juízes, completamente “irresponsáveis”. (...) . Podem insultar um Director, os alunos; podem ser malucos, ter as idiosincrasias que entenderem e acham que podem continuar assim já que o seu é um dom divino e portanto não têm que ser avaliados. Por isso é que sou totalmente contra estes aumentos salariais dos professores universitários.”

da classe - sem ter aproveitado para instituir a avaliação dos professores. Assim os aumentos seriam só para quem passasse na avaliação e ainda que esta fosse mínima, para aí metade dos professores chumbaria. Por

exemplo, se de um inquérito aos alunos resultasse uma nota negativa que impedisse a promoção ou o aumento, para aí metade dos professores ainda seria Assistente Estagiário! Bastava isso.

Q - O poder então iria para a mão dos alunos...

MNP - Não necessariamente. Se, enquanto professores, temos de prestar um serviço e se os destinatários desse serviço dizem sistematicamente que esse serviço não presta, então a nossa situação não deveria ser muito diferente da de um empregado de balcão que é sistematicamente mal educado para os clientes e que, por isso, é despedido pelo patrão.

Não se está a dizer que os alunos tenham uma interferência de qualquer tipo na orientação científica da cadeira ou dos cursos, mas é de esperar que tenham alguma opinião sobre a forma como o saber é ministrado, se o professor falta muito ou não, etc. Como sabem, nem sequer controlo de faltas às aulas existe...

A existência de um qualquer mecanismo de avaliação, por mais suave que fosse, mudaria logo drasticamente a atitude geral dos professores....

Tenho alguma esperança que com a avaliação das faculdades, dos centros e dos cursos que se iniciou há pouco, alguma coisa mude. É que as pessoas passam a querer ter, no seu departamento, outras pessoas de qualidade e isto muda tudo: as promoções, as nomeações definitivas, etc. Por exemplo, sem avaliação, o “colega” do lado pode bem meter quem entender. Para mim é igual. Agora se o dinheiro atribuído anualmente depende também da qualidade do grupo do lado, já que todas as linhas são avaliadas, a partir daí deixa-me de ser indiferente quem entra “ali para o lado”.

Penso que a única forma é dar incentivos positivos às pessoas. O mesmo é válido para os salários. O salário base é X mas se se atingir um determinado nível pedagógico ou científico e se se receber mais Y, as

coisas mudam. E não como agora, por antiguidade, sem responsabilidades, etc. É claro que a avaliação é um processo que vai demorar tempo, mas de certeza que vai ser instituída. Os dinheiros são públicos e como tal terão de ser bem aplicados.

Q - Tocámos tópicos muito importantes, mas desviámo-nos da razão de ser desta entrevista: o prémio Ferreira da Silva que recebeu pelo conjunto do seu trabalho de investigação. Ora tem vários interesses na investigação, uns mais fundamentais e outros mais aplicados. O manter dessa dualidade é uma opção por gosto pessoal ou uma estratégia?

MNP - Foi uma necessidade. Passámos por tempos de vacas magras durante 10 anos, entre 75 e 85, e houve uma altura em que a política de investigação do país estava orientada para a investigação aplicada. Para ter projectos era preciso ter empresas a apoiar. É claro que na prática era tudo fictício e gerador das maiores perversões. Quando voltei de Cornell (sabática) em 84 eram esses os mecanismos reinantes e a extracção supercrítica estava na moda. Como tinha experiência de altas pressões, foi natural meter-me por aí. Foi, portanto, mais por uma questão de necessidade e oportunidade.

É claro que é sempre perigoso falar de investigação aplicada. Ela só é de facto aplicada quando existe “um aplicador” directamente envolvido. Senão, só serve para gastar dinheiro ilusoriamente.

Quero ressaltar no entanto que, segundo a minha definição, mesmo a investigação aplicada que faço é académica no sentido em que serve para dar/obter graus; está muito voltada para a compreensão dos fenómenos. Não é muito diferente da que fazia anteriormente; limitei-me a aplicá-la a outros sistemas. Sistemas esses que são posteriormente aproveitados para tirar correlações. De facto, a maior parte deste trabalho acaba por ter utilização fundamental.

Como já disse, só há investigação aplicada quando existe o tal “aplica-

dor". O que me parece importante em qualquer investigação académica, quer seja fundamental quer seja aplicada, é o facto de ser feita com carácter formador, com pessoas mais novas que estão a aprender, e parece-me que este tipo de investigação é aquele que deve ser feito nas universidades. Este tipo de investigação é só mais uma forma de ensinar/aprender. Produz auto-confiança no "aluno", uma vez que está a lidar com coisas novas; ensina-o a procurar a resolução de novos problemas....

A outra investigação é diferente. Existe um determinado objectivo estratégico - a resolução de um dado problema - e contratam-se as pessoas para o resolver. Pessoas que normalmente já estão formadas e são especialistas em determinadas áreas que nesse momento, para esse objectivo, são necessárias. Na universidade deve-se fazer investigação com alunos e, portanto, a dicotomia não será entre investigação pura ou aplicada mas, formativa ou não.

"(...)os aumentos seriam só para quem passasse na avaliação e ainda que esta fosse mínima, para aí metade dos professores chumbaria. Por exemplo, se de um inquérito aos alunos resultasse uma nota negativa que impedisse a promoção ou o aumento, para aí metade dos professores ainda seria Assistente Estagiário! Bastava isso."

Q - Tendo a indústria química atingido um "estado estacionário", continua a justificar-se, na sua opinião, a existência de tantas licenciaturas em Química, no nosso país?

MNP - Acho que a universidade não serve para estar ao serviço dos futuros empregadores. Tem de estar ao serviço dos futuros empregados, ou seja, dos alunos. A uni-

versidade não dá cursos de formação profissional. A universidade serve vocações e a Química é uma vocação importante. Continuará sempre a haver um conjunto de pessoas que sente vocação para a Química e será por elas e para elas que estamos aqui.

É claro que as saídas profissionais são importantes e é claro que devemos proporcionar aos nossos alunos um ensino adaptado às condições genéricas do país mas, esse não é o nosso objectivo fundamental. O nosso objectivo é servir vocações; proporcionar a maior variedade possível de experiências culturais. Não será ainda o caso em Portugal.

Repito: a universidade não dá cursos de formação profissional. Nem sequer estamos aqui para servir o país, já que isso é uma abstracção sem realidade prática. Estamos sim ao serviço das pessoas que nos procuram, que são estudantes que querem aprender uma determinada área vocacional. Temos de ter em vista que a formação que proporcionamos, deve ser multidisciplinar; devemos preocupar-nos com o seu primeiro emprego, mas não estamos de maneira nenhuma ao serviço da indústria nacional.

Q - Foi sócio do Benfica e toda a gente sabe que o seu coração pende para o F. C. do Porto. Acha que as vitórias do Porto, nos últimos 10 anos, de algum modo o "ajudaram" na sua vida, científica incluída?

MNP - Não sei. Essa é uma pergunta para a qual não tenho resposta. O Porto não ganhou nada entre os meus 9 e 28 anos. A partir daí tem ganho tudo... Ora como essas duas épocas correspondem a etapas completamente diferentes da minha vida, não posso concluir nada. No entanto acho que não teve influência.

Na década de 60 assisti a todas as vitórias do Benfica. Ia com o meu pai e gostava imenso. O futebol é sempre um espectáculo emocionante e, como se vê, acabei sempre por tirar alguma satisfação dele.

Q - Ainda no seguimento deste ponto... tomando aquele conceito do Jorge Calado que defende que existem ideias no ar que ..., por exemplo, ... a contemporaneidade entre a criação dos quadros "nubelosos" de Turner e a observação da "névoa" característica do ponto crítico..., como se um conjunto de impressões comuns produzisse uma dinâmica em vários campos distintos; no seu caso, o futebol e a sua vida profissional estarão inter-relacionados?

MNP - Não sei se estarão ou não. Mesmo essas ideias do Jorge Calado, que são bonitas de ouvir e fazem um certo sentido, não se sabe se correspondem ou não ao que realmente aconteceu. Eu não sou capaz de o dizer e penso que o Jorge também não. Além disso, esse tipo de associações corresponde a uma certa maneira que cada um de nós tem de olhar a vida. Para o Jorge, que é fundamentalmente um artista, isso parece lógico. Para outros não será.

O que acho é que as vitórias do Porto correspondem e correspondem a uma mudança muito sensível na distribuição do poder dentro do nosso país. No fundo a revolução foi feita a Sul, em Lisboa, mas acabou por trazer muito mais poder para o Norte, que se passou a afirmar mais fortemente.

Se influenciou ou não, não sei, mas é bonito responder que sim....

Q - Para acabarmos, o Bobby Robson e o Vítor Baía foram para o Barcelona (este último parece que já não vai). O Porto vai acabar?

MNP - Acabar não vai, mas vai certamente estourar. O Robson está a fazer no Porto o que o Artur Jorge fez ao Benfica quando saiu do Porto para o Paris St. Germain. Portanto vejo com apreensão o próximo ano. Andamos a perder o "Tri" há muito tempo e parece que ainda não vai ser desta. Talvez seja uma boa oportunidade para o Sporting!

P.S.: O Baía já não sai, vem aí o Totobola, retiro o que disse (sobre os Professores Catedráticos não, sobre o F.C.P.) ■

*Contrariamos
a **tradição** ...
... fazemos
**Depressa
e Bem!***

DIGITALIZAÇÃO

TRATAMENTO DE IMAGEM

PRÉ-IMPRESSÃO

IMPRESSÃO



Rua dos Lagares D'El Rei, Lote 1481 R/C Dto. • 1700 LISBOA

Tels.: 847 56 37 / 847 56 48 • Fax: 846 41 79